

**FACULDADE DOCTUM DE JOÃO MONLEVADE
INSTITUTO ENSINAR BRASIL – REDE DOCTUM DE ENSINO**

**FLUXO DE CAIXA ENQUANTO FERRAMENTA DE CONTRIBUIÇÃO NA
CONTINUIDADE DOS NEGÓCIOS: fluxo de caixa como estratégia na gestão do
capital de giro**

Marcélia Correa da Silva*

Marcos Antônio Batista**

RESUMO

O presente artigo científico tem por finalidade demonstrar o fluxo de caixa enquanto ferramenta de contribuição na continuidade dos negócios. Uma boa administração do fluxo de caixa interfere na sobrevivência das pequenas e médias empresas? Qual a ligação do fluxo de caixa com o capital de giro? Para responder a essa questão, foi realizada uma pesquisa bibliográfica relacionando fluxo de caixa, capital de giro ao princípio da continuidade e pesquisa qualitativa com os gestores da Recapagem Pneus Prata Ltda, localizada em São Domingos do Prata - MG. O objetivo geral é demonstrar aplicações de gestão do capital de giro através da demonstração do fluxo de caixa tendo a continuidade como meta. Já os objetivos específicos são compreender o fluxo de caixa enquanto fornecedora de informações para gestão das empresas, em especial as de pequeno porte, analisar a importância econômica das empresas de pequeno porte e relacionar fluxo de caixa, capital de giro e informações ao princípio da continuidade. Este trabalho justifica-se uma vez que o número de empresas que abrem e fecham as portas a cada ano em todo o Brasil é astronômico. Ainda assim, aquelas consideradas Micro e Pequenas Empresas possuem participação na economia nacional, representando 98% do total das empresas no país. Assim sendo, sua mortalidade, em muitos casos, está vinculada a falta de gestão financeira adequada, esta que deveria ser realizada por meio do Controle do Fluxo de Caixa.

Palavras-chave: Fluxo de Caixa. Continuidade dos Negócios. Capital de Giro.

*Graduanda em Ciências Contábeis na Faculdade Doctum de João Monlevade;
mcorrea_sdp@hotmail.com

**Professor Mestre em Administração Financeira Orientador do TCC; mbatistaita@hotmail.com

1 INTRODUÇÃO

Em um contexto globalizado, a necessidade de gestão eficiente de recursos econômicos financeiros se torna essencial para as empresas. Desta maneira a atividade financeira de uma empresa requer acompanhamento permanente de seus resultados, para que possa sempre avaliar seu desempenho, bem como proceder aos ajustes e correções necessárias.

Considerando que o objetivo principal da área financeira é prover a empresa de recursos de caixa suficientes de modo a respeitar os vários compromissos assumidos, além de promover a maximização dos investidores permanentes, algumas ferramentas contábeis se tornam indispensáveis, como o Fluxo de Caixa.

O Fluxo de Caixa é um instrumento que possibilita o planejamento e o controle dos recursos monetários de uma empresa, através da relação dos ingressos e saídas de caixa no âmbito de uma empresa em determinado intervalo de tempo. É por meio dele que a empresa verificará eventual escassez ou abundância de caixa, valendo-se de medidas necessárias a serem tomadas a fim de sanar o problema.

Portanto, o Fluxo de Caixa é a técnica do regime de caixa que dá base para que as empresas de qualquer porte tomem decisões gerenciais. Desta forma conhecendo-se a quantidade de entrada e saída de numéricos da empresa, torna-se mais fácil identificar excedente ou escassez de caixa e assim adotar as medidas saneadoras mais adequadas à situação. (ASSAF NETO e SILVA, 2002, p.39)

Porém, em se tratando de Micro e Pequenas Empresas, com certa frequência, observa-se que várias têm falido ou enfrentam sérios problemas de sobrevivência. Como confirmado por Chiavenato (2008, p.15), “nos novos negócios, a mortalidade prematura é elevadíssima, pois os riscos são inúmeros e os perigos não faltam”. Geralmente, os gestores dessas empresas atribuem à carga tributária, os encargos sociais, a falta de recursos, os juros altos, dentre outros, como causa para a mortalidade das empresas de pequeno e médio porte.

Por isso, muitos autores afirmam que, geralmente, o problema não está nesses fatores, mas na má gerência, nas decisões tomadas sem respaldo, sem dados confiáveis, ou seja, sem a utilização do Fluxo de Caixa por exemplo (ASSAF NETO, 2009; PEREIRA, 2010; SILVA; 2012).

2 O FLUXO DE CAIXA E SUA IMPORTÂNCIA PARA A GESTÃO DAS EMPRESAS DE PEQUENO PORTE

Antes de aprofundar no tema, é necessário compreender a importância das empresas de pequeno porte para, assim, ponderar sobre os problemas e perigos das empresas não adotarem fluxo de caixa, já que estas não possuem, assim, dados confiáveis nas decisões tomadas.

2.1 Conceito, importância e fatores de falência das micro e pequenas empresas

Identificar e classificar uma empresa quanto ao porte é importante, não somente para a utilização dos princípios da ciência administrativa ou para alterar os problemas básicos de gestão, como também para identificar sua estrutura administrativa (LIMA, 2005).

Lima (2005) também acredita ser essencialmente abstruso especificar um padrão de tamanho para definir pequenas empresas. É por isso que pesquisadores, associações e instituições adotam distintos critérios para conceituar o tamanho de uma empresa. (LIMA, 2005; TERENCE, 2002).

Assim, existem diversas metodologias destinadas a classificar as empresas de acordo com seu porte, de maneira que é praticamente impossível uma comparação direta entre dados estatísticos referentes às MPME's de distintos países.

Por não haver, no Brasil, um critério único de classificação das empresas, é necessário abordar qual é a situação vigente em nosso país.

O BNDES (Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social), conforme determinado em sua Carta nº 11/2010 e 34/2011, enquadra as PME's segundo a sua receita operacional bruta anual ou anualizada, conforme tabela resumida a seguir:

Tabela 1 – Classificação das Empresas Segundo a Receita Anual

Classificação	Receita operacional bruta anual
Microempresa	Menor ou igual a R\$ 2,4 milhões
Pequena empresa	Maior que R\$ 2,4 milhões e menor ou igual a 16 milhões
Média Empresa	Maior que R\$ 16 milhões e menor ou igual a 90 milhões
Média-grande empresa	Maior que R\$ 90 milhões e menor ou igual a 300 milhões
Grande empresa	Maior que R\$ 300 milhões

Fonte: Site do BNDES

Para fins de tributação e vigência do SIMPLES (Sistema Integrado de Pagamento de Impostos e Contribuições das Microempresas e das Empresas de Pequeno Porte), o Governo Federal diferencia microempresa e empresa de pequeno porte considerando o faturamento bruto anual, conforme artigo 3º da LC nº 123. Além deste, os artigos 170 e 179 da Constituição Federal de 1988 asseguram às microempresas e empresas de pequeno porte tratamento jurídico diferenciado e simplificado nos campos administrativos, tributário, previdenciário, trabalhista, creditício e de desenvolvimento empresarial. Esse tratamento diferenciado visa facilitar a constituição e o funcionamento da microempresa e da empresa de pequeno porte, “a fim de contribuir para o fortalecimento da participação dessas empresas no processo de desenvolvimento social” (DINIZ, 2005, p. 41).

Além das duas classificações empresariais mais conhecidas, quais sejam microempresa e empresa de pequeno porte, a Lei Complementar nº 128, de 19 de dezembro de 2008, modificou a Lei Geral para criar a figura do Microempreendedor Individual (MEI). O MEI é um microempresário que fatura, no máximo, até R\$ 60.000,00 por ano. Ele não pode ser sócio ou titular de outra empresa. Atualmente, o MEI pode ter apenas um único empregado contratado e ele deve receber não mais que um salário mínimo, ou o piso da sua categoria profissional.

Tabela 2 - Classificação das MPE's segundo Legislação Nacional - LC nº 123

Porte	Receita Bruta Anual
Microempresa	igual ou inferior a R\$ 360.000,00
Empresa de pequeno porte	mais de R\$ 360.000,00, e até R\$ 3.600.000,00

Fonte: Site do Planalto

Nesse sentido, torna-se pertinente verificar que o SEBRAE adota como meio classificatório, além da receita bruta anual, o critério de classificação de porte por quantidade de pessoas ocupadas, modelos que seguem:

Tabela 3 - Classificação das MPE's segundo o SEBRAE / IBGE por quantidade de pessoas

Porte	No. Pessoas Ocupadas na Indústria	No. Pessoas Ocupadas no Comércio e Serviços
Microempresa	até 19	até 9
Pequena Empresa	de 20 a 99	de 10 a 49
Média Empresa	de 100 a 499	de 50 a 99
Grande Empresa	Mais de 500	Mais de 100

Fonte: Site do Sebrae

Entretanto, Rattner (2005) faz uma crítica em relação à classificação das empresas quanto ao número de funcionários:

Esse não pode ser um fator determinante da produtividade empresarial e fundamental para o desempenho organizacional, da indústria e da economia, como um todo; assim como não se pode classificar, em uma mesma categoria, as empresa de capital intensivo e as artesanais, de mão-de-obra intensiva.

Este também é o ensinamento de Terence (2008), que elucida que o surgimento de novas tecnologias, que culminaram na era da tecnologia da informação, torna irreal classificar o porte das empresas exclusivamente com base no número de empregados.

Por isso o SEBRAE também classifica as MPE's de acordo com a receita bruta anual, como segue:

Tabela 4 - Classificação das MPE's segundo o SEBRAE / IBGE de acordo com a receita bruta anual

Microempresa	Até R\$ 360.000,00
Pequena Empresa	De R\$ 360.000,01 até R\$ 3.600.000,00

Fonte: Site Sebrae

Conquanto a importância das MPE's para o Brasil, o SEBRAE (2014) aponta que elas correspondem a quase 99 % do total de empresas abertas, e, por isso, têm vital importância na geração de emprego, de renda, de inovações e no suporte as grandes empresas.

Ademais, é relevante observar que o segmento é responsável por 12% das exportações e 60% dos empregos gerados, proporcionando ocupação para cerca de 60 milhões de brasileiros (BRASIL, 2014).

Vale destacar que as empresas de pequeno porte possuem diversas vantagens em relação às grandes, frente à facilidade que tem de se adaptarem às rápidas mudanças impostas pelo mercado, em virtude da sua estrutura. Ainda assim, sofrem com a mortalidade precoce, proveniente principalmente da má gestão dos empreendimentos.

De acordo com o SEBRAE (2014) a cada 100 empresas que são abertas no país, 50 deixam de existir antes de completar dois anos, 56 são extintas até o terceiro ano de atividade, e 60 não sobrevivem além dos quatro anos, sendo estimado ainda que 80 delas não chegarão ao quinto ano de funcionamento.

Estudos realizados junto ao SEBRAE (2014) com empresários apontam como principais fatores que contribuem para a mortalidade precoce das empresas as: políticas públicas e arcabouço legal, carga tributária elevada, falta de crédito bancário e falhas gerenciais.

Todavia, o próprio SEBRAE (2014) defende que o principal motivo para a elevada taxa de mortalidade das MPE's não é a carga tributária excessiva ou a dificuldade de acesso ao crédito, mas, "a falta de preparo, informação, planejamento e conhecimento específico sobre o negócio".

Tomando como base estudos do SEBRAE, assim como pesquisa de campo prática, Silva (2015) em sua tese, defende que a mortalidade das MPE's, em muitos casos, está vinculada a falta de gestão financeira adequada.

2.2 O fluxo de caixa como ferramenta de gestão

Como já fora devidamente verificado, as MPE's representam um papel socioeconômico muito importante no cenário econômico brasileiro.

No entanto, o gerenciamento financeiro de pequenas empresas é fundamentalmente diferente do gerenciamento das grandes, simplesmente porque muitas práticas financeiras das grandes empresas não são necessárias para as pequenas. A literatura especializada aponta como preocupações principais a disponibilidade e o custo de capital, que implicam na dificuldade de aumentar o capital da empresa e, também, dificuldades na obtenção de financiamento.

Dessa forma, é senso comum nos estudos sobre causas de mortalidade das MPE's, que a essas são necessárias bases sólidas e adequadas que possam contribuir a favor da solução dos problemas gerenciais e tecnológicos essenciais ao seu desenvolvimento. Como afirma Cândido (1998, p. 92), o fator que limita o crescimento de uma empresa é o gerenciamento, como segue:

Para ajudar, efetivamente, a economia e o processo de desenvolvimento local, estas empresas precisam ser competitivas dentro de um mercado global. Como empresa competitiva, entenda-se aquela que naturalmente não só amplia a participação nos mercados em que atua como conquistas novos campos de atuação. Assim sendo, as experiências e observações mostram que o treinamento gerencial, apesar de não ser suficiente para provocar todas as mudanças requeridas pelo mercado, que exige cada vez mais preço e qualidade para suportar a pressão da concorrência interna e externa, é o alicerce básico necessário. Não bastasse isso, a nova ordem mundial cobra uma nova postura do empresário: o cliente mudou, tornou-se mais exigente e a instabilidade dos mercados é crescente, devido às condições de competitividade global, diversificação e diminuição do ciclo de vida dos produtos. Busca-se, então, encontrar algumas respostas e propor modelos práticos oriundos da contabilidade gerencial adaptados à realidade deste segmento. E uma dessas ferramentas é o fluxo de caixa, que é uma forma de controle e planejamento econômico-financeiro para os empreendedores desse porte.

Assim e como autenticado por Cândido, o fluxo de caixa é uma ferramenta necessária e de grande valia para o controle econômico financeiro de uma empresa, principalmente no tocante as MPE's.

Mas, afinal, o que é fluxo de caixa? E por que ele é importante?

O conceito de fluxo de caixa pode ser explicado de maneira bastante simples. As atividades do negócio resultam em entradas ou saídas de seu caixa. A projeção dessas variações sobre o caixa, para o futuro, gera o fluxo de caixa ou ciclo financeiro da empresa.

Segundo Nakagawa (2005, p. 115), o fluxo de caixa é um instrumento gerencial de extrema importância na tomada de decisão empresarial, tendo como objetivos básicos a coleta e a organização dos dados e a geração de subsídios para análise de desempenho financeiro e para efetuar previsões orçamentárias.

Tratar-se-á de um instrumento de projeção que auxilia o administrador financeiro a estabelecer as necessidades financeiras a curto e/ou longo prazo da empresa, informando de forma clara em época em que irão ocorrer os ingressos e os desembolsos de caixa, podendo ser realizado diariamente, semanalmente e/ou até anualmente. O saldo adequado de caixa poderá representar o sucesso ou o fracasso da organização.

Mais do que simples informativo, o fluxo de caixa é ferramenta que permite a análise do desempenho empresarial e para previsão orçamentária. Representa a previsão, o controle e o registro de entradas e saídas financeiras durante um período determinado (controlando o dinheiro que entra e o que sai da empresa).

Neste sentido, Beulke (apud Blatt, 2001, p. 108) afirma que o fluxo de caixa pode ser usado para obter informações tais como:

- Qual capacidade da empresa gerar recursos para financiar suas operações?
- Se a empresa é geradora de caixa, porque o dinheiro não aparece?
- Se a empresa não é geradora de caixa, o que é que tem viabilizado suas operações?
- Quais as necessidades de capital de giro da empresa?
- Qual a relação entre o capital de giro próprio e o de terceiros na empresa?
- Qual o saldo de caixa mínimo que a empresa deve manter para fazer face a suas obrigações financeiras?
- Qual a capacidade de a empresa imobilizar ou distribuir dividendos sem fragilizar a estrutura de capital de giro?
- A capacidade de geração de caixa da empresa é compatível com suas políticas de reposição de estoques e de financiamento de seus clientes?

A importância do fluxo de caixa também pode ser enfatizada através da concepção de que o mesmo serve para gerar informações sobre:

- o estado de liquidez da empresa (se a empresa vai bem ou não, se ela tem dinheiro ou não);
- o uso racional dos recursos em um determinado período (serve para que se saiba a melhor maneira de utilizar o dinheiro);
- aplicações e/ou captações (para informar se há capital para aplicar ou se é necessário um empréstimo para pagar as contas);
- manter ágil e atualizado o sistema de informações gerenciais.

O fluxo de caixa não deve ser uma preocupação exclusiva da área financeira, os demais setores devem desenvolver suas atividades em sincronismo, uma vez que estão comprometidos com os resultados líquidos de caixa. Para ZDANOWICZ (2001) os principais setores que exercem influência neste resultado e podem contribuir para o desempenho do fluxo de caixa são:

- a) Setor de Produção – as alterações nas quantidades e nos prazos de fabricação dos produtos, de forma a diminuir os estoque e aumentar a rotatividade;
- b) Setor de Compras – as decisões de compras devem ser tomadas avaliando a existência de saldo e se os prazos obtidos para pagamento estão ajustados com

os definidos para recebimento das vendas, devem negociar visando alongar os prazos desembolso;

c) Setor de Cobrança – a eficiência de suas ações disponibilizam mais recursos para a empresa e reduzem a inadimplência;

d) Setor de Vendas – as políticas de concessão de prazo no recebimentos devem estar ajustados ao prazo de pagamento aos fornecedores, devem reduzir o prazo de recebimento.

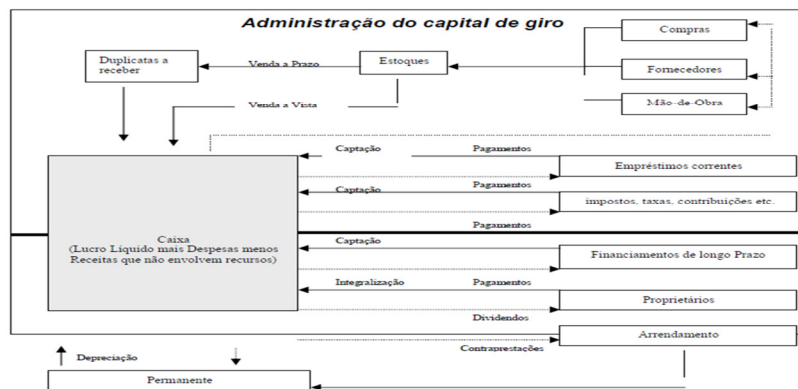
e) Setor Financeiro – avaliação e controle dos desembolsos e da geração de caixa da empresa.

O objetivo fundamental para o gerenciamento dos fluxos de caixa é atribuir maior rapidez às entradas de caixa em relação aos desembolsos ou da mesma forma, otimizar a compatibilização entre a posição financeira da empresa e suas obrigações correntes. A melhor capacidade de geração de recursos de caixa promove, entre outros benefícios à empresa, menor necessidade de financiamento, reduzindo seus custos financeiros.

De maneira ampla, o fluxo de caixa é um processo pelo qual uma empresa gera e aplica seus recursos de caixa determinados pelas várias atividades desenvolvidas. Neste enfoque, ainda, o fluxo de caixa focaliza a empresa como um todo, tratando das mais diversas entradas e saídas (movimentação financeira) de caixa refletida por seus negócios.

Abaixo será ilustrado o comportamento genérico do fluxo de caixa segundo a obra Administração.

Figura 1 – Movimentação Genérica do Fluxo de Caixa



Fonte: Assaf Neto (2009)

O Fluxo de Caixa, embora não exigido por Lei, é de grande utilidade interna nas empresas de pequeno e médio porte. De forma condensada, o Fluxo de Caixa

indica a origem de todo o dinheiro que entrou no Caixa, bem como a aplicação de todo o dinheiro que saiu do Caixa em determinado período, e, ainda o Resultado do Fluxo Financeiro.

Kassai (2007) diferente de outros autores acredita que o Fluxo de Caixa deve ser elaborado projetando o futuro. Destarte, propõem o modelo de Fluxo de Caixa Prospectivo, composto de forma dedutiva, ou seja, partindo-se dos dados operacionais relevantes que integram o cenário da pequena empresa.

Tabela 5 – Modelo de Fluxo de Caixa

1- Dados Operacionais Relevantes	Obs	“n” PERÍODOS
2 – ENTRADAS		
3 – SAÍDAS		
4 – VARIÇÃO	(2-3)	
5 – Retiradas		
6 – Novos Investimentos		
7 – Depreciação		
8 – Custo ou Remuneração do Dinheiro	(4-5-6-7-8)	
9 – SALDO ACUMULADO		
10 – Empréstimos/Aplicações de Recursos	(9+/-10)	
11 – SALDO FINAL	(9+/-10)	

Fonte: Kassai (2007)

Todavia, tem-se que se frisar que é através do fluxo de caixa que o administrador procura conciliar a **manutenção da liquidez e do capital de giro** da empresa, para que esta possa honrar com as obrigações assumidas perante terceiros na data do vencimento, bem como a maximização dos lucros sobre os investimentos realizados pelos proprietários.

2.3 Analogia do fluxo de caixa, capital de giro e informações com princípio da continuidade

Segundo Ross, Westerfield E Jaffe: a expressão “capital de giro” “refere-se aos ativos a curto prazo da empresa”. Segundo Assaf Neto e Silva: “A administração do capital de giro diz respeito à administração das contas dos elementos de giro, ou

seja, dos ativos e passivos correntes (circulantes), e às inter-relações existentes entre eles”.

A Administração do Capital de Giro objetiva garantir a continuidade das atividades da empresa, evitando que esta sofra interrupções que seriam extremamente caras. Para sucesso, essa atividade deve ser realizada diariamente, envolvendo pontos relacionados aos recebimentos e desembolsos da empresa.

A administração do capital de giro tem recebido cada vez mais importância no contexto administrativo, pois caso não realizada adequadamente pode resultar em problemas financeiros, que pode levar a empresa a uma situação de insolvência.

A administração do capital de giro exige uma aplicação do administrador pois somente com um bom nível de conhecimento sobre os componentes do capital de giro é que as decisões serão tomadas de acordo com as políticas financeiras da empresa.

Os ativos circulantes normalmente representam mais de cinquenta por cento dos ativos totais de uma empresa. Esses ativos exigem, portanto, um grande investimento. Sabe-se também que os recursos disponíveis no circulante podem facilmente diluídos, o que reforça a necessidade de uma correta administração desses recursos.

Quando se fala em administração do capital de giro, pode-se pensar que esta seja uma atividade restrita a grandes empresas, com elevados ativos e passivos circulantes. No entanto, as pequenas e médias empresas também devem tomar o máximo cuidado em sua administração, pois os recursos disponíveis são mais escassos. Uma pequena empresa necessitará, obrigatoriamente, de estoques; terá que conceder prazos para o recebimento de suas vendas. Para executar essas atividades, necessitará de recursos, todavia o seu acesso a empréstimos de longo prazo não é tão expressivo, necessitando, assim, recorrer com maior frequência a empréstimos de curto prazo, o que afetará diretamente seu capital de giro.

Até mesmo campanhas para o aumento das vendas devem ser analisadas com atenção pelo gerente financeiro. Os prazos que serão concedidos e a necessidade de estoques para a efetivação das vendas são componentes do capital de giro, influenciando nas disponibilidades da empresa.

É verificado, dessa forma, que a administração do capital de giro é bastante abrangente, afetando e sendo afetada por praticamente todas as decisões que venham a ser tomadas pela administração da empresa. Diversos são os fatores que

influem sobre a administração do capital de giro de uma empresa. Podemos citar o volume de vendas da empresa, a sazonalidade dos negócios, as tecnologias empregadas pela empresa para a produção, sua política de negócios, bem como fatores econômicos externos à empresa, que podem influenciar em sua administração e planejamentos.

Podemos utilizar o conhecimento da sazonalidade dos negócios para determinar as necessidades de recursos ao longo do período em estudo. Para um correto estudo da administração do capital de giro, observa-se fundamentalmente o nível de estoques necessário, os investimentos que deverão ser realizados, ou que estão planejados para execução no período e que irão consumir recursos, qual será a política de crédito a ser adotada, quais os prazos e taxas de juros a serem cobrados. Estes itens fazem parte do ativo circulante, mas também os itens do passivo circulante devem ser levados em consideração. Os prazos oferecidos pelos fornecedores, taxas de juros a serem pagos, empréstimos recebidos, com seus respectivos valores e períodos de amortização. Outro fator, de fundamental importância, refere-se à rentabilidade desejada pela empresa, visto que esta está diretamente ligada ao volume de capital de giro a ser mantido.

2.4 Fluxo de caixa e a análise de riscos

Como lembra Pereira (2010) o risco de liquidez pode ser subdividido, principalmente, em dois componentes:

(i) à capacidade da instituição conseguir recursos para cumprir com suas obrigações e/ou estratégias, honrar compromissos previamente acordados ou acertar seu fluxo de caixa.

(ii) à possibilidade da instituição não conseguir negociar um título pela inexistência, ainda que temporária, de outro negociador (contraparte) para concluir a transação.

Analisando uma Empresa pela sua essência, pode-se ponderar que o risco assumido pelas atividades de intermediação financeiras, em um momento

de incremento da inadimplência pode potencializar o risco de liquidez e é onde observa-se a necessidade de capital de giro por parte da empresa.

Neste caso, o aumento do risco de liquidez, está associado à possibilidade da empresa não registrar entradas de recursos esperadas e, por consequência, apresentar insuficiência de caixa para cumprir com suas obrigações e/ou estratégias.

Por outro lado, para mitigar esse risco as empresas poderiam manter em seu caixa uma disponibilidade elevada de recursos. Entretanto, os recursos mantidos no caixa, se considerada a situação econômica vivida pelo País na atualidade, tem rentabilidade menor que a dos ativos de crédito (ou até maior que suas taxas de captações) e, por consequência, coage as empresas a adotar a uma estratégia financeira focada em manter a menor disponibilidade de recursos possíveis em caixa.

Conforme LaRocque e Lowenkron (2005), a busca por uma administração eficiente de risco se destaca devido aos custos incorridos pelas variações no fluxo de caixa das empresas, entre outros.

Assim, especificamente quanto aos custos incorridos pela variabilidade no fluxo de caixa, qualquer tipo de empresa, se defronta, conforme Stulz (2006), com, especialmente, três custos: (i) custo associado às expectativas de falência; (ii) custo referenciado ao valor adicionado ao retorno, tanto dos acionistas majoritários, quanto donos pelo maior risco assumido e (iii) custo com impostos.

Segundo Smithson e Smith (2009), os dois primeiros custos podem ser reduzidos a partir de uma menor probabilidade de *financiam distress*, e o terceiro, os custos associados aos impostos, podem ser reduzidos a partir do controle da variância da renda tributável, graças à progressividade dos impostos.

A gestão de riscos é um processo formal e estruturado que analisa os tipos de riscos a partir da identificação, mensuração e controle (KIMURA, SUEN, et al., 2009). Este processo de gestão de riscos visa atender às necessidades de gerenciamento da organização e às exigências de órgãos reguladores do mercado. Tais necessidades e exigências é o que impulsiona o desenvolvimento de modelos mais robustos de mensuração de riscos.

As métricas utilizadas para a gestão de riscos podem variar de acordo com o tipo de risco e requerem conhecimento sobre o mercado e a dinâmica do

risco. Especificamente em relação aos aspectos relacionados ao risco de liquidez, principalmente àqueles associados à variabilidade futura do fluxo de caixa, os trabalhos e estudos buscam adequar os conceitos utilizados na metodologia VaR (focada no risco de mercado) para mensurar o fluxo e caixa em risco (Cash Flow at Risk).

O Cash Flow at Risk (CFaR) pode ser definido como o valor mínimo de um fluxo de caixa numa determinada data (T) no futuro, a um nível de significância estatística $\alpha\%$, avaliado com as informações disponíveis hoje (t). Sua expressão algébrica pode ser definida por meio de:

$$\Pr(\text{CashFlow})_T \leq \text{CFaR}/t = \alpha\% \quad (2)$$

Em um dos primeiros trabalhos publicados sobre o assunto, Stein et al. (2001) definem CFaR como a distribuição das probabilidades de uma companhia num horizonte futuro com as informações disponíveis hoje.

Para Varanda Neto (2007) o Fluxo de Caixa em Risco (Cash Flow at Risk — CFaR) seria uma ferramenta importante para os gestores da empresa, para analistas de crédito e de investimento, enfim para o agente que quisesse medir qual o intervalo estatístico provável para o caixa futuro dessa empresa com uma dada probabilidade.

A estimativa do CFaR pode ser sintetizado como a busca pela resposta à pergunta formulada por Stein et al. (2001): “Quanto pode o Fluxo de Caixa da minha empresa diminuir ao longo do próximo ano se nós experimentarmos uma crise, com probabilidade de 95%?”.

Além da estimação das relações econométricas entre os fatores de risco é necessário um modelo que descreva o comportamento dos fatores de risco. Segundo o CorporateMetrics Technical Document (CORPORATE METRICS, 1999) o modelo a ser utilizado é o de Vetores Auto Regressivos (VAR). Neste modelo, o valor de cada variável dependerá não só de seus valores passados, mas também de todas as outras variáveis do sistema. Isto permitiria a previsão conjunta da média condicional dos fatores de risco (PEROBELLI et al., 2007).

Stein et al. (2001) destacam que o Cash Flow at Risk exprime os riscos para os fluxos de caixa, enquanto De La Rocque (2003) chama a atenção para o fato de que o Cash Flow at Risk não depende somente dos riscos de mercado, mas fundamentalmente dos riscos de demanda. Ou seja, para o Cash Flow at Risk a análise da incerteza precisa ir além dos riscos financeiros e se considera as variações no fluxo de caixa operacional.

Perobelli et al. (2007) propõe um modelo teórico para o Cash Flow at Risk a partir do modelo do RiskGroup (1999). Este modelo considera a definição das variáveis em estudo, tanto as dependentes quanto as independentes. A definição dos vértices temporais e o horizonte de previsão, a identificação dos fatores de risco relevantes e uma sugestão de tratamento para os fatores de risco. A simulação de cenários e a inserção de valores previstos para os fatores de risco e montagem da distribuição simulada.

Vale salientar que outro modelo foi proposto, denominado de Comparables Cash Flow at Risk (C-Far), desenvolvido em 1990. Neste modelo, a recomendação é que as projeções futuras sejam feitas de cima para baixa (top down). Ou seja, abandona-se a estimação do impacto de cada variável sobre os resultados do fluxo de caixa. O modelo analisa o comportamento de diversos fluxos de caixa históricos e estima uma série estatística de fluxos futuros. Parte-se da suposição de que se uma determinada organização se encaixar no perfil da amostra é possível estimar seu risco no fluxo de caixa.

Destaca-se ainda que este modelo necessita de uma quantidade elevada de unidades amostrais de fluxo de caixa de um conjunto de empresas. Estas amostras são aglutinadas e são gerados os percentis da cauda inferior para estimação.

Para a construção do modelo devem ser consideradas as variáveis dependentes, que são as contas do fluxo de caixa e também as variáveis independentes, que podem ser divididas em Fatores de Risco Macroeconômico e Fatores de Risco Próprio do Negócio (PEROBELLI et al., 2007), tal como será utilizado nesta pesquisa. Esta divisão é necessária porque, mesmo considerando que alguns fatores de risco próprio possam ser independentes, eles sofrem algum tipo de influência das decisões internas.

2.5 Capital de giro x fluxo de caixa = valor da empresa

Para que possa ser verificado onde a empresa precisa agir para que haja a reanimação financeira, é importante que ela conheça o que está acontecendo dentro da empresa, quanto está gastando e quanto está recebendo. Saber onde o dinheiro está indo, é fundamental. O Custo médio ponderado do capital ou custo dos recursos que financiam o empreendimento, é uma ferramenta que tem auxiliado as empresas de modo que elas possam reanimar suas forças financeiras, quando de uma provável falência.

Desta forma, compreende-se que o capital é de extrema relevância para uma empresa visto que pode ser mantido e tido como um socorro para a organização, impedindo muitas vezes que está fique no vermelho ou tenha que buscar soluções desesperadas tendo de utilizar-se de juros altíssimos.

O capital é dividido em três condições:

Dívida, cujo custo será chamado de **Kd**, e seu peso **Wd**;

Ações preferenciais, cujo custo será chamado de **Kp**, e seu peso de **Wp**;

Capital Ordinário (ações ordinárias + lucros retidos e acumulados), cujo custo será chamado de **Ks**, e seu peso de **Ws**.

Cuja fórmula do CMPC, é:

$$\text{CMPC} = Kd \times Wd \times (1 - T) + Kp \times Wp + Ks \times Ws$$

No entanto, deve-se considerar que planejar o capital é antecipar as indicações de necessidades financeiras para atender aos compromissos da organização. Através desse planejamento, os administradores conseguem observar com antecedência os problemas de caixa que podem dar origem a consequências de redução de receitas ou então ao aumento no volume de pagamentos.

Nesse caso a análise e o planejamento, são vistos como essenciais para a administração de uma empresa, especialmente quando esta é de médio porte. O conceito de capital, esta ligado ao equilíbrio ou a diferença entre o dinheiro que entra

e que sai na organização, sendo que essa sobra fica em benefício da organização, em caixa.

Essa nova identidade retrata um equilíbrio contábil sob um ponto de vista financeiro, no qual a dinâmica operacional determina a forma que a empresa financia seu capital de giro, produzindo diferentes estruturas de financiamento de capital de giro que refletem diferentes posições de equilíbrio entre fontes e aplicações de recursos de curto e longo prazo.

As rápidas mudanças que vêm impactando as organizações são um desafio contínuo à sua adequada gestão. A relativa estabilidade econômica, a abertura de mercados, as reorganizações empresariais e o aumento da concorrência levam as empresas a buscarem formas de se adequarem à nova realidade.

Por ser uma avaliação, não é possível estabelecer uma metodologia única, como se fosse um roteiro para que haja a execução. A avaliação da empresa segundo Martins (2001) não se processa através de fundamentos de uma ciência exata, permitindo a comprovação absoluta dos resultados.

Por esse motivo, são muitos os modelos utilizados e comentados por diferentes autores no que se refere a essa avaliação.

Percebe-se no momento atual, que alguns fatos distanciam a situação avaliação empresa da realidade de mercado, das finanças e da contabilidade. Apesar de uma aérea estar ligada a outra, é imprescindível que seja destacada a diferença no momento de avaliação.

De acordo com Martins (2001 p. 12) isso se dá devido à ausência de uniformidade dos princípios contábeis mundiais e o alto teor de intangibilidade no real valor das empresas.

Para ele, numa avaliação, ambiguidades podem surgir da ênfase exclusiva de um ou outro modelo, além da flexibilidade corrente de suas metodologias, ou seja, nas avaliações não há como prescindir de certa dose de subjetividade na definição do valor de uma empresa, tomando-se a premissa de que alguns modelos se baseiam em resultados esperados obtidos do comportamento do mercado.

Logo, finanças e contabilidade andam juntas nessa conjuntura avaliativa, visto que são ferramentas utilizadas pela administração para determinar as opções disponíveis, escolhendo a melhor para o investidor.

Portanto, o melhor modelo para tratar desse assunto avaliativo, gera discussões há muito tempo no mercado financeiro, despertando interesse de investidores e também de estudiosos, sobre o assunto.

Porém, o ideal segundo Martins (2001) não é o fato de escolher a melhor metodologia, mas sim o fato de uma metodologia completar a outra, para que realmente haja uma decisão assertiva em relação ao valor da empresa.

De acordo com Martins (2001) essa decisão, esta cada vez mais difícil de ser tomada, uma vez que a inovação financeira, a abertura dos mercados e a liberalização da circulação de capitais fazem com que a determinação dos preços não seja afetada apenas pelos fatores domésticos, o que resulta numa maior complexidade dos processos de avaliação.

Apesar de esses serem os principais modelos apresentados por Martins em seu livro, sabe-se que existem muitos outros que são estudados ao longo do tempo, porém, nenhum até então se mostrou preciso e conclusivo por si só.

Segundo Abrams (2008) para efeito de avaliação, é interessante reconhecer que todas as empresas exigem certa quantia de dinheiro em caixa, caso contrário, verifica-se constantemente uma rejeição. Isso no que tange a investimentos.

Por isso, a quantidade dinheiro em caixa é necessária e não deve ser totalmente utilizado o dinheiro da empresa em pagamentos de dívidas, visto que vale muito o valor que a empresa apresenta ao investidor em mãos.

Neste caso o autor destaca que toda avaliação deve ser seguida de uma cuidadosa soma matemática, de modo que melhore o entendimento do analista de relações contábeis, destacando os porques do demonstrativo dos fluxos de caixa.

Esse cuidado matemático na avaliação de empresas, segundo o autor, deve também fazer com que o analista tenha conhecimento das hipóteses de simplificação embutido nas definições abreviadas do fluxo de caixa.

Segundo Abrams (2008 p. 44) felizmente essa consciência irá resultar em avaliações superiores nos casos em que a elaboração dessas hipóteses

simplificadoras é injustificada. O que demonstra que é importante para o investidor que a avaliação seja envolta por cálculos, considerando não apenas os rendimentos das empresas, mas seus valores em caixa e seus equipamentos e instalações.

Um terceiro ponto tratado pelo autor refere-se à análise de regressão através de uma técnica estatística que estima a relação matemática entre as variáveis causais, conhecido como variáveis independentes e variáveis dependentes.

O autor destaca que nas avaliações de empresas comuns, a regressão não é avaliada nem considerada por outros autores, muito menos com as transformações não lineares dos dados, que faz com que os valores chegam mais próximos do valor real da empresa.

Na realidade a regressão e as transformações não lineares apontam para as fraquezas da empresa e isso implica na metodologia de avaliação, que geralmente ignora os custos fixos e leva a desvalorização nos momentos bons e na supervalorização possível em tempos ruins.

De acordo com Abrams (2008 p. 47) se o analista trata todos os custos como variáveis, nos bons tempos quando ele prevê um crescimento rápido das vendas, os custos fixos devem permanecer constantes, mas a Previsão aos custos fixos devem ser considerados como que sobem em proporção às vendas.

Esse tipo de informação segundo o autor, não são consideradas em outras metodologias de avaliação da empresa, porém, registram um aumento de valor significativo. Conforme Abrams (2008 p. 64) na avaliação da empresa, geralmente as pessoas não estão muito preocupados com cada ano individual em conformidade com as previsões.

Quando uma empresa é avaliada, deve-se segundo o autor, avaliar as questões de ganhos, mas também os custos sejam eles fixos ou variáveis e os gastos mensais e anuais da empresa. Para o autor, a importância da avaliação da empresa está no fato de demonstrar ao empreendedor/contador, que está possui mais lançamentos positivos do que negativos e nessas características e com dinheiro em caixa, a empresa passa a valer mais, do que se observada através de outro tipo de metodologia.

Logo a necessidade de usar o fluxo de caixa como uma ferramenta de apoio a tomada de decisões, auxilia na competitividade da empresa, que passa a ter condições de valer mais do que aquelas que não e utilizam de tal ferramenta.

3 CARACTERIZAÇÃO DA ORGANIZAÇÃO

A Seguir será apresentada a caracterização da organização onde pretende-se diagnosticar a percepção dos gestores da Recapagem Pneus Prata quanto ao relacionamento do fluxo de caixa em relação ao capital de giro .

3.1 Histórico

A Recapagem Pneus Prata, localizada na Rua Paulo Dionísio, nº 88, Bairro Boa Vista em São Domingos do Prata - MG, foi fundada em 1999 pelo conhecido empresário da cidade, Jair Arthuso, que viu uma oportunidade de negócio quando um amigo em comum o apresentou a um empresário de São Paulo que estava vendendo boa parte de maquinários usados para a montagem de uma empresa de prestação de serviços em reforma de pneumáticos usados. O mesmo adquiriu então boa parte desses maquinários e trouxe para um galpão que já era de sua propriedade e onde já funcionava uma indústria e torrefação de café em parte do mesmo. O restante do maquinário foi adquirido no Rio Grande do Sul. Jair Arthuso então aproveitou a oportunidade para diversificar os negócios da família, que já atuava nos setores de materiais de construção, comércio varejista e indústria de café.

Inicialmente optou por constituir empresa individual em nome da filha caçula Elisângela Maiene Costa Arthuso. Em meados de 2003, a empresa Elisângela Maiene Costa Arthuso ME foi extinta e constituída uma sociedade empresária limitada, sendo os sócios Jair Arthuso e a Elisângela Maiene Costa Arthuso com participação de quotas, a empresa então passou a se chamar Recapagem Pneus

Prata Ltda, ainda no mesmo ano de 2003, o Jair Arthuso deixa a sociedade e quem se torna sócia da Elisângela é a sua filha Bárbara Arthuso Guerra, e em 2015 entra na sociedade a outra filha Fernanda Arthuso Guerra, recebendo doação de quotas das duas sócias. A sócia proprietária Elisângela é a administradora interina, cabendo a ela toda tomada de decisão.

A Recapagem Pneus Prata busca a sustentabilidade do seu negócio com um comportamento cooperativo e uma postura competitiva, porém respeitando todos os envolvidos na atividade. Possui certificação do INMETRO o que garante qualidade nos serviços prestados, Licença Ambiental, conta com programas de Saúde Ocupacional e Ambientais. Preocupa-se com a promoção e proteção da saúde e segurança de seus funcionários, os caracterizando como fonte principal de geração de resultados, o que não significa dizer que, a preocupação se restringe apenas ao foco de evitar acidentes e doenças ocupacionais, mas proporcionar um ambiente agradável, saudável e seguro estendendo-se aos clientes e a qualquer pessoa que visitar suas instalações. Trabalha de forma a preservar o meio ambiente e principalmente respeitar. A empresa ainda possui inúmeros benefícios, tais como: plano de saúde coparticipativo, seguro de vida, cesta básica, convênios com farmácia, e dentistas.

A empresa possui atualmente trinta e um colaboradores diretos, divididos entre os cargos de: gerente geral, administrativo, comercial e de produção, assistente administrativo, auxiliar de escritório, ajudantes de produção, motoristas e mecânico de manutenção de máquinas.

3.2 Missão

Satisfazer seus clientes, identificando as necessidades, oferecendo soluções com foco em qualidade, economia e segurança, visando à liderança de mercado, proporcionando lucro aos sócios e satisfação aos colaboradores.

3.3 Visão

Ser reconhecida como empresa de excelência em reforma de pneus, oferecendo segurança, desempenho e economia.

3.4 Valores

Respeito; Qualidade; Honestidade; Compromisso; Sustentabilidade; Responsabilidade; Satisfação do cliente; Empenho com o crescimento rentável e contínuo da empresa.

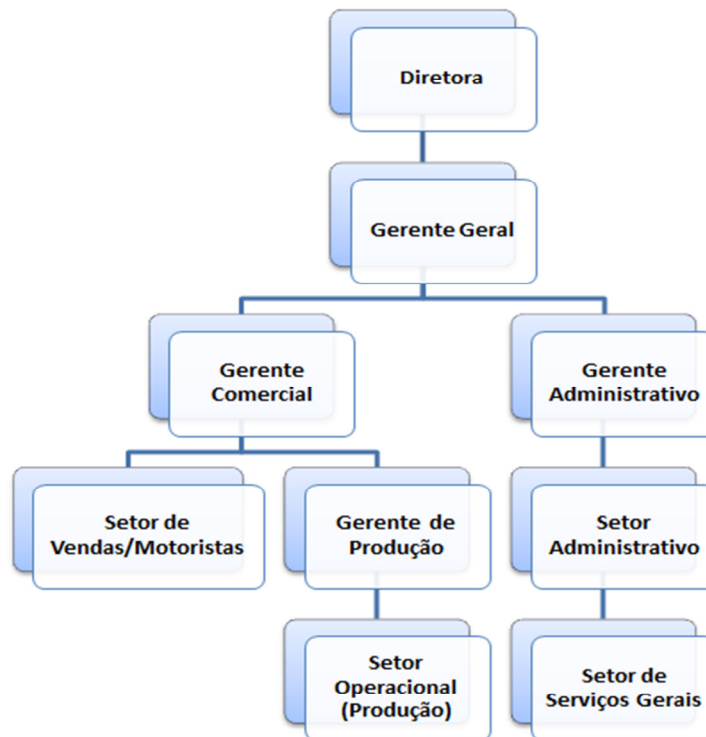
3.5 Prestação de Serviços

Em parceria com a Vipal, a Pneus Prata tem a reforma qualificada e garantida, que consiste em toda a carcaça do pneu de primeira reforma, caso ocorrer defeito na reforma e danificar a carcaça, a Pneus Prata repõe duas reformas, sendo uma pagando a reforma e outra pagando a carcaça. As reformas são realizadas em pneus de carga, meia carga, utilitários, passeio, agrícola, terraplanagem e fora de estrada.

3.6 Organograma

Para que todos os colaboradores tenham ciência que existe uma hierarquia a ser respeitada a empresa possui um organograma definido.

Figura 1 – Organograma



Fonte: Pesquisa documental. Edna Ferreira de Faria, 2014 – revisão 1

4 METODOLOGIA

Logo após o capítulo de introdução, iniciará a revisão de literatura por meio da pesquisa bibliográfica que, segundo Gil (2008) pode ser definida como uma base em material já publicado, podendo ser material impresso, como livros, revistas, jornais, teses, dissertações e anais de eventos publicados, também sendo disponibilizados pela internet, e seu propósito é fornecer fundamentação teórica ao trabalho, a partir do material já publicado sobre o tema.

Para realização desse estudo, utilizou-se de Pesquisa Bibliográfica e Exploratória, considerando que a pesquisa bibliográfica foi realizada com base em artigos e publicações encontrados em acervos Acadêmicos e de natureza contábil. Onde através do fichamento foi composta a revisão bibliográfica desse estudo.

Conforme Gil (2008) a pesquisa bibliográfica, busca informações junto a literatura nacional sobre estudos, pesquisas e documentos que já foram realizados sobre o assunto através de Documento ou documentação bem como, toda base de conhecimento material e suscetível de ser utilizada para consulta sobre o assunto proposto nesse estudo. Para tanto, utilizei-me de Banco de Dados científicos, bibliotecas Virtuais, Bibliotecas físicas e acervos virtuais e físicos, que contém informações ou dados relacionados ao tema de referida pesquisa.

Já a pesquisa exploratória utilizada para aprofundamento prático do assunto, foi realizada com base em um questionário aplicado para 2 (dois) gestores da empresa onde trabalho, através do quais os dados obtidos contribuíram para o entendimento prático desse estudo. Conforme Gil (2008) a pesquisa exploratória busca informações junto a um público potencial, que possa responder meus questionamentos acerca do assunto e que me deem suporte para fazer as análises e avaliações necessárias para conclusão dessa pesquisa e também para resgatar dados e informações em relação ao assunto trabalhado nesse estudo e por ser um tipo de pesquisa muito específica, ela assumirá a forma de um estudo de caso.

5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DE DADOS

Apresenta-se a seguir a coleta de dados e análise dos resultados do questionário aplicado aos gestores da Recapagem Pneus Prata Ltda.

5.1 Coleta dos dados

Os dados foram coletados junto de 2 (dois) gestores da empresa Recapagem Pneus Prata Ltda, considerando como o Fluxo de Caixa é visto por eles e qual a relevância do capital de giro, procurando demonstrar na prática as

aplicações de gestão do capital de giro através da demonstração do fluxo de caixa como ferramenta auxiliar da empresa, em suas decisões e metas.

5.2 Análise dos resultados

O primeiro questionamento foi sobre o uso de Fluxo de Caixa pela empresa, como se trata da mesma organização, a resposta foi a mesma, a empresa utiliza o Fluxo de Caixa.

Na opinião dos Gestores o Fluxo de Caixa, possui algumas vantagens e estabelece alguns auxílios relevantes para a organização como:

- Auxilia na verificação da capacidade da empresa em gerir recursos para financiar suas operações;
- Auxilia na compreensão de quanto em dinheiro a empresa pode investir em novos projetos;
- Possibilita que a empresa conheça o saldo de caixa mínimo que a empresa deve manter para fazer face as suas obrigações financeiras;
- Possibilita que a empresa conheça qual a capacidade de imobilizar ou distribuir dividendos sem fragilizar a estrutura de capital de giro.

Para compreender se a empresa possui um sistema adequado de Fluxo de caixa, questionou-se que os gestores notam a lucratividade de caixa no fim do mês, ou seja, se o dinheiro realmente aparece tal como descrito no Fluxo de Caixa e a resposta de ambos foi que SIM.

Quanto a Capital de Giro, ambos responderam que a empresa possui capital de giro próprio. E acreditam na relevância do capital de Giro para a empresa, principalmente para sua sobrevivência.

Também observou-se através das respostas dadas pelos gestores que a capacidade de geração de caixa da empresa é compatível com suas políticas de reposição de estoque e de financiamento de clientes.

Para os gestores mesmo com controle severo de Fluxo de Caixa é necessário que a empresa tenha Capital de Giro Próprio, mesmo que o Fluxo de caixa usado pela empresa possibilite a análise de riscos.

5.3 Discussão dos resultados

Percebe-se tanto na teoria como na prática observada através das respostas dos gestores, mencionadas no tópico anterior que qualquer que seja o tamanho de uma empresa, o tema abordado (Fluxo de Caixa e Capital de Giro) possui extrema importância na sua administração, à visão de diversos autores citados neste artigo permite essa afirmação.

Realmente a Administração de Capital de Giro e Fluxo de Caixa é fundamental para a continuidade de uma empresa permitindo assim uma saúde financeira permanente.

Existe uma necessidade contínua em administrar o Capital de Giro porque o mesmo está diretamente ligado ao resultado das empresas.

Em consideração as questões capital de Giro, o Fluxo de Caixa é visto como uma ferramenta de apoio à análise dos riscos da empresa. Pois caso haja por parte da empresa um controle de gastos, em conformidade com aquilo que se recebe, o capital de giro passa a ser apenas uma ferramenta de garantia financeira para a organização. No entanto, quando a empresa não realiza o fluxo de caixa como um instrumento para esse controle, o capital de giro se mostra relevante para que a empresa em situação de risco possa continuar sobrevivendo.

Um fluxo de caixa descreve um movimento real ou virtual de dinheiro, considerando as teorias estudadas nessa pesquisa, autores como Perobelli et al., 2007; De La Rocque (2003); LaRocque e Lowenkron (2005) e Pereira (2010):

— Um *fluxo de caixa* em sentido estrito é um pagamento (em moeda); o termo "fluxo de caixa" é usado principalmente para descrever os pagamentos que se espera que aconteça no futuro, são, portanto, incertos e, portanto, precisam ser previsto com fluxos de caixa;

— No entanto, é popular para usar *fluxos de caixa* em um sentido menos específico descrevendo pagamentos (simbólicos) para dentro ou fora de um negócio, projeto ou produto financeiro.

Os fluxos de caixa são estreitamente interligados com os conceitos de valor, *taxa de juros* e liquidez.

Os fluxos de caixa são muitas vezes transformados em medidas que dão informações, por exemplo, sobre o valor e a situação de uma empresa:

— Para determinar um projeto taxa de retorno ou valor. O tempo dos fluxos de caixa para dentro e fora de projetos são utilizados como insumos em modelos financeiros, tais como taxa interna de retorno e valor presente líquido.

— Para determinar problemas com um negócio de liquidez. Ser rentável não significa necessariamente ser líquido. Uma empresa pode falhar por causa de uma escassez de dinheiro, mesmo enquanto rentável.

— Como uma medida alternativa dos lucros de uma empresa quando acredita-se que da contabilidade de exercício conceitos não representam realidades económicas. Por exemplo, uma empresa pode ser ficticiamente rentável, mas gerando pouco de caixa operacional (como pode ser o caso de uma empresa que barter seus produtos em vez de vender por dinheiro). Nesse caso, a empresa pode ser decorrente de caixa operacional adicional através da emissão de ações ou de obtenção de financiamento da dívida adicional.

— Fluxo de caixa pode ser usado para avaliar a "qualidade" da renda gerada pela contabilidade de exercício. Quando líquida de renda é composto de grandes itens não-caixa é considerado de baixa qualidade.

— Para avaliar os riscos dentro de um produto financeiro, por exemplo, correspondentes necessidades de caixa e avaliação de risco padrão, requisitos de reinvestimento, etc.

Em se tratando da relevância do fluxo de caixa, é considerável que uma boa administração do fluxo de caixa interfira nos resultados obtidos pela empresa, sendo necessário para a sobrevivência das pequenas e médias empresas, uma vez que os proprietários-gerentes carecem da gestão financeira da sua empresa, que é o elemento básico para sua continuidade (PEREIRA, 2010).

Fluxo de Caixa evidencia a necessidade do uso de capital de giro. Considerando que uma gestão eficiente dos recursos financeiros tem como objetivo buscar e manter o equilíbrio entre a rentabilidade e a liquidez (Motivo pelo qual a análise dos riscos é fundamental), mantendo a segurança dos recursos visto que maximizar qualquer um desses elementos, desprezando os outros, certamente causará problemas graves para a empresa (LA ROQUE, 2003).

Isso significa que o fluxo de caixa junto com os demonstrativos contábeis podem proporcionar informações importantes para resolução de problemas de gerenciamento de recursos financeiros (PEREIRA, 2010).

Mediante esse estudo pode-se verificar que mesmo com um controle rigoroso de Fluxo de Caixa o Capital de Giro se torna indispensável, pois é uma segurança para a empresa.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se com essa pesquisa que sem a análise do fluxo de caixa, as empresas não conseguem observar a situação financeira que realmente estão enfrentando. O fluxo de caixa, possibilita que a empresa tenha visão da capacidade que tem em gerar recursos para financiar suas operações.

Caso a empresa não tenha um controle financeiro adequado, é certo que ela enfrentará sérios problemas financeiros, pois o dinheiro que aparentemente teria em caixa, é provável que desapareça. Caso ainda haja capital de giro, pode a empresa

ter uma saída temporária para esses deslizamentos de gestão financeira, no entanto, quando não existe o capital de giro, a situação complexa pode ocasionar o desgaste da empresa e até mesmo o seu fechamento.

Muitas empresas ainda que não possuem uma boa gestão de fluxo de caixa, acabam usando seu capital de giro para pagamento das contas, muitas vezes ainda utilizando-se de capital de giro de terceiros (dinheiro que não é próprio da empresa) o que a coloca em uma situação ainda pior. O fluxo de caixa, pode ser uma ferramenta de prevenção de todos esses deslizamentos financeiros cometidos pelas empresas.

Respostas ao valor que a empresa deve manter em caixa, capacidade de distribuição de dividendos, estoque, entradas, saídas, liquidez, retorno e lucro, são obtidas com a gestão do fluxo de caixa. Motivo pelo qual pode-se afirmar que o fluxo de caixa pode melhorar a capacidade da empresa em cumprir as obrigações assumidas. E razão pela qual todas as empresas, por menores que sejam, devem manter um planejamento e controle do seu fluxo de caixa.

CASH FLOW AS A CONTRIBUTION TO BUSINESS CONTINUITY TOOL: cash flow as a strategy for working capital management.

ABSTRACT

The purpose of this scientific paper is to demonstrate cash flow as a contribution tool in business continuity. Does good cash flow management interfere with the survival of small and medium-sized enterprises? What is the connection between cash flow and working capital? To answer this question, a bibliographical research was carried out, relating cash flow, working capital to the principle of continuity and qualitative research with the managers of Recapagem Pneus Prata Ltda, located in São Domingos do Prata - MG. The overall objective is to demonstrate working capital management applications by demonstrating cash flow with continuity as a goal. The specific objectives are to understand the cash flow as a supplier of information for the management of companies, especially small ones, to analyze the economic importance of small companies and to relate cash flow, working capital and information to the principle of continuity. This work is justified since the number of companies that open and close the doors every year throughout Brazil is astronomical. Still, those considered Micro and Small Companies have a share in the

national economy, representing 98% of the total companies in the country. Thus, its mortality in many cases is linked to the lack of adequate financial management, which should be carried out through Cash Flow Control.

Keywords: *Cash Flow. Business Continuity. Working capital.*

REFERÊNCIAS

ABRAMS, E. **Risk assessment for uncertain cash flows:** Model ambiguity, discounting ambiguity, and the role of bubbles. *Finance and Stochastics Journal*. Zürich, 2008

ASSAF NETO, Alexandre; SILVA, César AT. **Administração do Capital de Giro**. 3.ed. São Paulo: Atlas, 2009.

BLATT, Adriano. **Análise de balanços:** estrutura e avaliação das demonstrações financeiras e contábeis. São Paulo: MAKRON Books, 2001.

BNDES, disponível em:
<<http://www.bndes.gov.br/wps/portal/site/home/financiamento/guia/quem-pode-ser-cliente>>
acesso em novembro de 2016-11-16

BNDES, disponível em
<<http://www.bndes.gov.br/wps/portal/site/home/financiamento/guia/quem-pode-ser-cliente>> acesso em novembro de 2016-11-16

CANDIDO R. **Demonstração dos fluxos de caixa**. São Paulo: Atlas, 1998

DINIZ, Hindemburgo Chateaubriand Pereira. **BDMG, Históricos e Desafios**. Belo Horizonte: Gráfica Formato, 2005.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008

KIMURA, T. **Finanças corporativas:** Teoria e Prática. Bookman, 2009

LAROQUE, E.; LOWENKRON, A.; AMADEO, E.; JENSEN, J. **Cenários probabilísticos: conjugando análise de riscos e projeções macroeconômicas**. Documento técnico, 2003.

LIMA NETO, Geraldo Coelho. **A trajetória do BDMG e o desenvolvimento da economia mineira**. 2005. 119 p. Dissertação (Mestrado em Administração Pública) – Escola de Governo Professor Paulo Neves de Carvalho, Fundação João Pinheiro, Belo Horizonte, 2005.

MARTINS A. **Regimes monetários:** teoria e experiência do real. Editora Manol. São Paulo, 2001

NAKAGAWA, J. **Contabilidade empresarial**. 11^a ed. São Paulo: 2005

PEREIRA, L. **Contribuição ao Estudo de Modelos para Controle de Gestão em Bancos de Atacado**. 2010. 354. f. Tese (Doutorado em Contabilidade e Controladoria) – Faculdade de Economia e Administração e Contabilidade, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2010

PEROBELLI, F.; SECURATO, J. **Modelo para Medição do Fluxo de Caixa em Risco: Aplicação a Distribuidoras de Energia Elétrica**. Revista de Economia e Administração. São Paulo, 2007

RATTNER, D.; TRENCH, B. (Orgs.) **Fluxo de Caixa Eficaz**. São Paulo: Editora Senac, 2005.

ROSS, Stephen A; WESTERFIELD, Randolph W; JORDAN, Bradford D. **Princípios de Administração Financeira**. 2.ed. São Paulo:Atlas, 2000.

SEBRAE. Disponível em: www.sebrae.com.br Acesso em 28/11/2016

TERENCE, A. C. F.; FILHO, E. E. **As Particularidades das Pequenas Empresas no Planejamento Estratégico**: a elaboração de um roteiro prático. In: II EGEPE, 2008, Londrina. Anais do ... Londrina: EGEPE, 2008, p. 592 – 602.

TERENCE, A.C.F. **Planejamento Estratégico como Ferramenta Competitividade na Pequena Empresa**: Desenvolvimento e Avaliação de um Roteiro Prático para o Processo de Elaboração do Planejamento. 2002, 206 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia da Produção) – Escola de Engenharia de São Carlos, Departamento de Engenharia de Produção, Universidade de São Paulo, São Carlos, 2002

ZDANOWICZ, José Eduardo. **Fluxo de Caixa**, 7 ed. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 1998.

APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO PARA COLETA DE DADOS APLICADO AOS GESTORES DA RECAPAGEM PNEUS PRATA

Prezado Gestor(a),

Você está convidado(a) a responder este questionário que faz parte da coleta de dados da pesquisa que embasa meu Trabalho de Conclusão de Curso. Sou graduanda em Ciências Contábeis pela Faculdade Doctum de João Monlevade e esta pesquisa tem caráter acadêmico. Gostaria muito de contar com sua colaboração.

1) A Empresa trabalha com Fluxo Caixa

() Sim

() Não

2) Se sim, vou apontar alguns itens e gostaria que os Senhores dessem uma nota de 1 a 7 para cada item descrito, considerando:

(1) Concordo

(2) Concordo Parcialmente

(3) Concordo Totalmente

(4) Discordo

(5) Discordo Parcialmente

(6) Discordo Totalmente

(7) Prefiro não responder

São as questões relacionadas a esse item:

- O Fluxo de Caixa auxilia na verificação da capacidade da empresa gerar recursos para financiar suas operações?

(1) Concordo

(2) Concordo Parcialmente

(3) Concordo Totalmente

(4) Discordo

(5) Discordo Parcialmente

(6) Discordo Totalmente

(7) Prefiro não responder

- O Fluxo de caixa auxilia na compreensão de quanto em dinheiro a empresa pode investir em novos projetos?

(1) Concordo

- (2) Concordo Parcialmente
- (3) Concordo Totalmente
- (4) Discordo
- (5) Discordo Parcialmente
- (6) Discordo Totalmente
- (7) Prefiro não responder

- O fluxo possibilita que a empresa conheça o saldo de caixa mínimo que a empresa deve manter para fazer face a suas obrigações financeiras?

- (1) Concordo
- (2) Concordo Parcialmente
- (3) Concordo Totalmente
- (4) Discordo
- (5) Discordo Parcialmente
- (6) Discordo Totalmente
- (7) Prefiro não responder

- O Fluxo de caixa possibilita que a empresa conheça qual a capacidade de a empresa imobilizar ou distribuir dividendos sem fragilizar a estrutura de capital de giro?

- (1) Concordo
- (2) Concordo Parcialmente
- (3) Concordo Totalmente
- (4) Discordo
- (5) Discordo Parcialmente
- (6) Discordo Totalmente
- (7) Prefiro não responder

3) A empresa como geradora de Caixa, nota lucratividade de caixa no fim do mês? Ou seja, o dinheiro aparece tal como descrito no Fluxo de Caixa?

4) A empresa possui Capital de Giro?

5) Acredita que o Capital de Giro é importante para a empresa?

6) O Capital de Giro é essencial para sobrevivência da empresa?

- 7) O Capital de Giro da empresa é próprio ou é de Terceiros?

- 8) A capacidade de geração de caixa da empresa é compatível com suas políticas de reposição de estoques e de financiamento de seus clientes?

- 9) Uma empresa com controle severo de Fluxo de Caixa, necessita de Capital de Giro?

- 10) O Modelo de fluxo de caixa utilizado pela empresa possibilita a análise de riscos?

Comentários:

Obrigada,
Marcélia Correa
Graduanda em Ciências Contábeis
Rede de Ensino Doctum